

OS CONDENADOS DA CIDADE: ESTUDO DA MARGINALIDADE AVANÇADA

Michele Cunha Franco Conde*

WACQUANT, Loïc. *Os condenados da cidade: estudo da marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan: Fase, 2001.

Passados os traumas da Segunda Grande Guerra, a euforia vivida em décadas de crescimento nas ricas sociedades do ocidente capitalista fez com que a auto-imagem dessas sociedades pudesse ser definida em uma só palavra: civilizadas. Civilizadas porque coesas, pacíficas e igualitárias e porque seguiam um caminho que inevitavelmente faria com que eliminassem as desigualdades sociais, sobretudo as herdadas, como classe, etnicidade ou raça.

Mas nem tudo são flores. Um fenômeno que o sociólogo francês Loïc Wacquant denomina marginalidade avançada (ou regime de clausura excludente e exílio socioespacial) tem feito com que essa auto-imagem sofra fissuras e tem impedido que as desigualdades sociais sejam analisadas como produto de deficiências individuais, de acordo com a noção de “meritocracia”, tão cara à sociologia americana.

Os condenados da cidade, uma coletânea de artigos escritos nas décadas de 1980 e 1990, aborda comparativamente fenômenos sociais provocados pela desigualdade social em duas metrópoles de dois diferentes continentes – o gueto de Chicago (cinturão negro), no estado americano de Illinois, e os subúrbios operários franceses, ou *banlieues* (cinturão vermelho).

Ao trabalhar comparativamente as estruturas e os mecanismos de exclusão urbana em metrópoles desses dois países, o autor chama a atenção para o fato de que semelhanças forjadas entre as duas realidades

* Mestranda em Sociologia pela UFG, bolsista do CNPq.
E-mail: franconde@02.net.br

em nada contribuirão para a compreensão ou solução dos problemas. Ao contrário, só servem à disseminação do estigma imposto às duas regiões, estigma este que, associado à pobreza e à degradação moral (para a qual ele próprio contribui), afeta em todos os aspectos a vida dos habitantes destas áreas (busca de emprego, envolvimento romântico, relação com a polícia etc.).

O estudo, uma investigação empírica que abrange as décadas de 1970 a 1990 – com incursões aos anos 50 e 60, visando a uma concatenação histórica –, pretende demonstrar que a marginalidade urbana não é a mesma em todos os lugares. Seus mecanismos genéricos e suas formas específicas tornam-se inteligíveis se firmemente ligados à matriz histórica de classe, de Estado e do sistema hierárquico característico de cada sociedade, e sua análise requer a apreensão do nexos existente entre raça (notadamente no caso americano), classe e Estado na cidade.

Wacquant analisa a violência sob dois ângulos: a) o da violência vinda de baixo e sugere que as desordens verificadas principalmente no final dos anos 80, em proporções diversas conforme o país, combinaram duas lógicas, a do protesto contra a injustiça racial (discriminação, no caso americano), contra a privação econômica e desigualdades sociais crescentes através da ruptura da vida civil pela força; b) sob o ângulo da violência vinda de cima, que se personifica na desproletarização, ou no persistente desemprego em massa, segregação ou no exílio em bairros decadentes, de escassos recursos públicos e na estigmatização, tanto pelo discurso preponderante da mídia quanto pelo discurso das políticas públicas.

Ao trazer elementos de sociologia comparativa, o livro aponta as similaridades aparentes entre as duas regiões: ambas são enclaves com forte concentração de minorias (negros na América e imigrantes não-europeus na França); com a desindustrialização, suas atividades econômicas se esvaziaram, e o desemprego entre seus habitantes, que sofrem as nefastas conseqüências do estigma que lhes é imputado, tornou-se permanente. Quanto às diferenças, demonstra a disparidade entre as ecologias sociais, entre a segregação racial do gueto americano e a heterogeneidade étnica do subúrbio francês, entre taxas de pobreza e criminalidade e, sobretudo, entre as políticas públicas desenvolvidas pelos dois países.

O autor cumpre a promessa de efetuar uma concatenação histórica aliada a uma análise do nexos existente entre raça, classe e Estado para a compreensão da marginalidade avançada e vai além, ao apresentar de forma minuciosa as variáveis que compõem o tema e, sobretudo, ao indicar caminhos que considera necessários para a solução do problema.

Diante da euforia em torno da política de “tolerância zero”, implantada em Nova York, à criminalidade, é uma das poucas vezes que se levantam contra a política adotada pelos Estados Unidos, desde o final da década de 1970, para reduzir o seu já miserável Estado do bem-estar social e de hipertrofiar o Estado penal, sem, contudo, atacar as matrizes do problema. Ele enxerga nessa postura uma maneira de punir ainda mais os que se encontram à margem das benesses das sociedades capitalistas e aponta o caminho inverso como solução para o problema.

Entende que, diante do modelo econômico pós-fordista – em que a economia passa de um sistema fechado, integrado, centrado na fábrica e em um mercado fechado, para um sistema inverso, no qual as garantias de emprego/salário são quase inexistentes, com um mercado aberto, intensivo em serviços e que não ocupa a mão-de-obra desqualificada proveniente dessas zonas marginais –, não faz mais sentido atribuir ao mercado a solução dos problemas sociais. O Estado deve ser trazido de volta ao epicentro da sociologia comparada da marginalidade, e esse mesmo Estado deve expandir os serviços públicos visando a garantir provisões iguais de bens públicos básicos nas zonas de exclusão, para aliviar imediatamente a miséria criada pelo desinvestimento social verificado nas últimas décadas. Deve também deixar claro, em suas políticas públicas, que não será através do mercado que se estabelecerá uma segurança para as famílias marginais, cabendo-lhe, então, assumir uma interferência para minimizar as diferenças sociais.

O livro é fruto de pesquisas empíricas realizadas nas duas áreas e, para estabelecer propriedades distintivas da “marginalidade avançada”, Wacquant elaborou uma caracterização típico-ideal, “dessa marginalidade *in statu nascendi*, contrastando-a com certos traços selecionados da pobreza urbana resultante do crescimento ‘fordista’ no pós-guerra”. Assim o fez por considerar que esses tipos ideais “auxiliam no processo

de formação e comparação de hipóteses; oferecem uma linha mestra para a identificação de variações significativas e suas possíveis causas”.

Por toda a obra, percebe-se um cuidado que o autor tem na formulação de conceitos, aliado a uma preocupação com a pesquisa. Ele alerta para o perigo de conceitos elaborados a partir dos ‘pré-conceitos’ daqueles que o formulam, tal qual o conceito de *underclass*, que identifica os membros que vivem em zonas de exclusão, não a partir da posição que lhes sobra na estrutura econômica, mas por comportamentos anti-sociais. Esse conceito passa, então, a ser incorporado pelos gestores públicos que obviamente, passam a interferir negativamente nas políticas destinadas a essas zonas.

Além de forte referencial empírico, de apresentar convincentes estatísticas e vasta bibliografia, merece ressalva a fluidez de sua escrita, bem como a sensibilidade com que trata a marginalidade. O leitor é, então, levado a refletir sobre os dilemas atuais do capitalismo, o que pode ser demonstrado através de uma frase do autor: “A institucionalização dos direitos de cidadania à subsistência e ao bem-estar social fora da tutela do mercado pode ser a bastilha do novo milênio”.